

BRIZOLA VIVE:

A PRESENÇA DA MEMÓRIA DE LEONEL BRIZOLA NA POLÍTICA NACIONAL (2004-2014)

Graziane Ortiz Righi¹

Resumo: Este artigo abordará a presença da memória do político sul-riograndense Leonel Brizola na política nacional brasileira, de 2004, ano da sua morte, até 2014. Trata-se de um recorte da nossa pesquisa de doutorado que está em sua fase inicial. O legado político e a imagem de Brizola têm sido utilizados por seus herdeiros políticos – os netos Juliana Brizola (PDT), Carlos Daut Brizola (PDT) e Leonel Brizola Neto (PSOL); por seu partido, o PDT; e também por outros políticos que se autodeclaram brizolistas – como é o caso do deputado estadual do Rio Grande do Sul, Pedro Ruas (PSOL), por exemplo. Apesar de sua morte, a memória do trabalhista segue vigente. É possível encontrar a reprodução da frase *Brizola Vive* com o intuito de manter suas ideias e seu *modus operandi* de fazer política presentes. Quanto aos usos da imagem de Leonel Brizola para fins eleitorais, devemos considerar as especificidades da cultura política brasileira, marcada pela presença de herdeiros políticos que constroem suas carreiras vinculadas a sobrenomes tradicionais. Dados de 2016 demonstraram que cerca de 50% da Câmara Federal é ocupada por herdeiros políticos. Números tão elevados comprovam o quanto é rentável o atrelamento da própria candidatura a ilustres sobrenomes da seara política reconhecidos pela sociedade. Brizola talvez seja um dos políticos contemporâneos mais lembrados, mesmo após mais de 10 anos da sua morte. Seu nome e legado continuam no imaginário popular, por isso, não causa espanto a recorrência à sua lembrança nas campanhas eleitorais. Utilizamos como referencial teórico as análises sobre Memória, Marketing Político e notadamente o debate sobre História do Tempo Presente. Nossa pesquisa conta com uma gama diversa de fontes: imprensa, campanhas eleitorais e documentos oficiais, como Diários do Congresso Nacional e Sessões da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Entretanto, para este artigo em específico nem todas as fontes serão incluídas.

Palavras-chave: Leonel Brizola. Memória. Herdeiros Políticos.

A memória de Leonel Brizola segue vigente. É possível encontrar a reprodução da frase *Brizola Vive* nas redes sociais ou pichações pelas ruas de Porto Alegre (RS) com o

¹ Licenciada e Mestre em História pela UFRGS. Doutoranda em História na PUCRS. Bolsista CAPES. E-mail: grazi.ortiz@gmail.com

intuito de manter suas ideias e seu *modus operandi* de fazer política presentes. Essa consigna foi difundida pelo *Movimento Brizola Vive* que, segundo os fundadores:

Nasceu de forma organizada em 2011, como um grupo político partidário que pretendia reformar as práticas políticas assumidas pelo comando nacional do PDT. [...] Como era previsível, o Movimento ultrapassou as fronteiras do PDT, afinal, Leonel Brizola não foi um líder apenas para o partido, mas se tornou uma referência para todo o povo brasileiro.²

No site³ do PDT nacional, é possível encontrar o mesmo “slogan” ao lado de sua foto. Portanto, verifica-se um interesse do partido como um todo e não apenas de uma corrente em manter atrelada sua imagem a de Brizola. As possíveis controvérsias ou batalhas pela memória do pedetista permanecem internas à agremiação, e, quando identificadas, serão exploradas no desenvolvimento da pesquisa.

A primeira campanha nacional do PDT após sua morte deu o tom da forma como o partido utilizaria o legado brizolista. Em 2006 o partido concorreu com Cristovam Buarque à presidência da República e apresentou a educação como principal mote de campanha – “Revolução pela Educação”⁴ - tema muito associado a Brizola, mas também uma bandeira de Buarque. De um modo geral, poucas imagens do político gaúcho foram aproveitadas na campanha, mas a utilização do seu nome foi recorrente na propaganda eleitoral televisiva.

Outro exemplo da persistência dessa tendência refere-se às comemorações dos 35 anos do partido, em 2015, quando o logo comemorativo trazia o símbolo partidário além do slogan “35 anos de lutas e conquistas” e uma foto de Brizola segurando um microfone.⁵ A alusão a estas duas situações se justifica como argumento que pretende demonstrar que mesmo passado mais de 10 anos da morte de sua principal liderança, o PDT continua avaliando como vantajoso explorar politicamente sua imagem.

Para além dos usos realizados dentro das instâncias do PDT, a imagem de Brizola é sistematicamente empregada por aqueles que se autodeterminam herdeiros políticos⁶ do seu

² Informações retiradas do blog *Movimento Brizola Vive*. Link: <http://movimentobrizolavive.blogspot.com.br/>. Acesso em 19/08/2016.

³ Link: <http://www.pdt.org.br/>. Acesso em 20/08/2016.

⁴ Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Eleicoes/0,,AA1252011-6282-395,00.html>. Acesso em: 20/08/2016.

⁵ Fonte: canal no You Tube da Fundação Leonel Brizola-Alberto Pasqualini. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ilzsuIWvWgk>. Acesso em 20/08/2016.

⁶ Cabe esclarecermos que para essa pesquisa definimos como herdeiros políticos apenas os netos, a partir da conceituação de Patriart (1992, p. 12-12 *apud* Grill, 2004, p. 1) que compreende através dos laços de parentesco resultantes de uma descendência ou de casamentos e por vínculos de parentesco político. Os possíveis usos

legado e da sua estirpe: os netos Juliana, Leonel e Carlos. A primeira, com atuação no Rio Grande do Sul, e os dos últimos, no Rio de Janeiro. Para este artigo apresentaremos uma análise mais atenta das campanhas eleitorais de Juliana num exercício de estudo de caso e em decorrência do espaço limitado para aprofundamento. Adiante voltaremos para essa análise.

Durante as comemorações dos 50 anos da Campanha da Legalidade, em 2011, uma série de festividades,⁷ reportagens na imprensa⁸ e de eventos acadêmicos⁹ manteve viva a memória sobre Brizola, em geral numa perspectiva positiva.¹⁰ Vale ressaltar que à época, o governo estadual estava nas mãos do Partido dos Trabalhadores (PT). Grande parte das lembranças que ocorreram foram de responsabilidade da administração estadual, o que corrobora a afirmação do *Movimento Brizola Vive*: ele não fora um líder de um só partido, mas de certa forma, a defesa de causas populares o colocavam como uma liderança que tinha trânsito junto a setores mais a esquerda do próprio PTB/PDT.

Do mesmo modo, as atividades envolvendo o resgate da história e das memórias do Golpe de 1964 marcaram mais um momento de lembranças, não com a mesma intensidade e homogeneidade que durante 2011, mas de modo significativo. Nesse sentido e de forma muito simbólica foi a inauguração da sua estátua em local privilegiado da política sul-riograndense: ao lado do Palácio Piratini.¹¹ Finalmente, em dezembro de 2015, o nome de Leonel Brizola foi incluído no Livro dos Heróis da Pátria, “que homenageia brasileiros que se destacaram na

eleitorais por outros políticos serão tratados como brizolistas. Para exemplificar, citamos o caso do atual deputado estadual e ex-candidato a vice-prefeito de Porto Alegre, Pedro Ruas (PSOL). Fonte: “Vice pelo PSOL é brizolista convicto”. *Jornal do Comércio*. Link: http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/08/politica/516714-vice-pelo-psol-e-brizolista-convicto.html. Acesso em: 18/09/2016.

⁷ “Musical lembra os 50 anos da Campanha da Legalidade”. Fonte: Zero Hora, em 17/08/2011. Link: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2011/08/musical-lembra-os-50-anos-da-campanha-da-legalidade-3450716.html>. Acesso em: 20/08/2016.

⁸ Cito aqui reportagem do Portal Sul21, porém grande parte da imprensa do estado fez uma ampla cobertura sobre o tema. Fonte: Portal Sul21, em 25/08/2011. Link: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2011/08/musical-lembra-os-50-anos-da-campanha-da-legalidade-3450716.html>. Acesso em: 20/08/2016.

⁹ Na UFRGS, por exemplo, ocorreu o seminário “O Cinquentenário do Movimento da Legalidade: a trajetória política de Leonel Brizola e João Goulart” com o objetivo de apresentar e debater relatos de participantes dos acontecimentos de 1961, além de documentários e pesquisas acadêmicas sobre a trajetória política de Brizola e João Goulart. O evento ocorreu nos dias 31 de maio e 1º de junho, no IFCH. Fonte: <http://colossus.ufrgs.br/site-antigo/portaldenoticias/noticias.php?id=4103>. Acesso em: 20/08/2016.

¹⁰ Segundo reportagem do Portal Bol: “Morto em 2004, Brizola, governador gaúcho em 1961 e líder da mobilização, vem ganhando um status de lenda política na efeméride”. Fonte: Portal Bol, em 25/08/2011. Link: <http://noticias.bol.uol.com.br/brasil/2011/08/25/no-rs-aniversario-da-campanha-da-legalidade-tera-ate-musical.jhtm>. Acesso em: 20/08/2016.

¹¹ A inauguração ocorreu em 22/01/2014, no dia do aniversário de Brizola. Fonte: *Jornal Zero Hora*. Link: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/01/estatua-de-leonel-brizola-e-inaugurada-em-porto-alegre-4396843.html>. Acesso em 20/08/2016.

defesa e construção da história nacional”.¹² A lei¹³ foi aprovada pelo Senado e sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, que iniciou sua carreira político-partidária no PDT.¹⁴

Aliás, o duro e traumático processo de impeachment enfrentado pela antiga pedetista e então presidenta da República, representando o PT, trouxe à tona, novamente, o debate sobre o estado democrático brasileiro e no bojo dessa discussão, o nome de Brizola, voltou a ser considerado e lembrado por ter tido uma postura intransigente na defesa da democracia em 1961, durante a Legalidade. Tal feito foi evidenciado no encontro ocorrido em torno da estátua do pedetista em Porto Alegre, reunindo lideranças políticas de diversos partidos e representações, na tentativa de se lançar uma “nova campanha da legalidade” contra o impeachment de Dilma.¹⁵

Angela de Castro Gomes (2004), ao analisar o impacto da morte de Brizola, também identificou esse padrão. O político sul-riograndense foi lembrado prioritariamente como defensor dos valores democráticos, embora referências ao seu perfil autoritário também tenham sido mencionadas. Em síntese: “como todo mecanismo de (re)construção da memória é justificado pelos interesses do presente, os debates em torno da sua morte [de Brizola] contribuíram para reforçar e exaltar os valores democráticos da sociedade brasileira” (MACEDO, 2016, p. 207).

Sob esse aspecto de construção e reconstrução da memória faz sentido nos associarmos à definição de *memória coletiva* proposto por Maurice Halbwachs (1990), pois

¹² Fonte: “Dilma inclui Leonel Brizola no Livro dos Heróis da Pátria”, Agência Brasil, em 29/12/2015. Link: <http://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2015-12/dilma-inclui-leonel-brizola-no-livro-dos-herois-da-patria>. Acesso em: 20/08/2016.

¹³ Lei nº 13.229, de 28 de dezembro de 2015. “Inscreve o nome de Leonel de Moura Brizola no Livro dos Heróis da Pátria e altera a Lei nº 11.597, de 29 de novembro de 2007”. Fonte: Diário Oficial da União de 29/12/2015. Link: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=29/12/2015>. Acesso em: 20/08/2016.

¹⁴ A homenagem foi sugerida em 2013 por Vieira da Cunha deputado federal pelo Rio Grande do Sul e à época líder da bancada pedetista na Câmara. Cunha em diversas ocasiões já se declarou brizolista. Cito um exemplo: “Idealismo, fidelidade e brizolismo: a trajetória de Vieira da Cunha”. Fonte: Zero Hora, 26/09/2014. Link: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/eleicoes-2014/noticia/2014/09/idealismo-fidelidade-e-brizolismo-a-trajetoria-de-vieira-da-cunha-4607377.html>. Acesso em: 04/09/2017.

¹⁵ Na ocasião estavam presentes representantes do PDT, PT, PSOL, PCdoB e REDE. E ainda da CUT, UJS, CTB, MNLN, Levante Popular da Juventude. Cito alguns nomes: José Fortunati (PDT/prefeito de Porto Alegre), Carlos Lupi (presidente nacional do PDT), Tarso Genro (PT/ex-governador do RS), Henrique Fontana (PT/deputado federal RS), Olívio Dutra (PT/ex-governador do RS), Manuela D’Ávila (PCdoB/deputada estadual RS), Luciana Genro (PSOL), Sereno Chaise (trabalhista histórico, ex-prefeito de Porto Alegre). Fonte: “Junto ao busto de Brizola, autoridades lançam ‘nova campanha da legalidade’”, Portal Sul21, em 11/12/2015. Link: <http://www.sul21.com.br/jornal/junto-ao-busto-de-brizola-autoridades-lancam-nova-campanha-da-legalidade/>. Acesso em 21/08/2016.

também compreendemos a memória como um fenômeno social, uma reconstrução do passado a partir dos quadros sociais do presente, passível de uma construção conjunta, a qual é formulada por pontos em comum desde as nossas percepções aos dos nossos pares. Ou seja, a memória “se produz no presente, com representações do passado” (MENEZES, 1998).

A memória construída em relação a Brizola passou por alterações ainda enquanto ele estava vivo. De defensor da democracia, com a Campanha da Legalidade (1961), à radical “incendiário” no pré-1964. O autor Enzo Traverso (2012, p. 18), ao refletir sobre a ancoragem profunda da memória coletiva no presente, com suas mutações e regressões paradoxais, afirma que memória:

conjuga-se sempre no presente, que determina as suas modalidades: a sucessão de acontecimentos de que se devem guardar recordações (e de testemunhas a escutar), a sua interpretação, as suas ‘lições’, etc. Ela transforma-se em questão política e toma a forma de uma injunção ética – o ‘dever da memória’.

Essas transmutações memorialísticas ficam evidentes quando são mobilizadas para fins eleitorais, por exemplo. Desse modo, a utilização do brizolismo pode ser inserida no enquadramento da memória proposto por Pollak (1989), através do uso da memória política. Identificamos duas *frentes* dessa utilização do passado. A primeira, a de Brizola como o “bom político”, sem manchas na sua trajetória, porém audacioso e de perfil combativo. A segunda, a de Brizola legalista, defensor da democracia.¹⁶ Desse modo, afirma Grill (2005, p. 526):

A ativação do passado é, assim, obra de múltiplos agentes e instituições que estabelecem simultaneamente quadros de referência e um trabalho de enquadramento. Os quadros de referência são os sentidos a serem disputados e sobre os quais se alicerça o “passado comum”, definindo as fronteiras sociais e políticas que circunscrevem os postulantes à herança.

A identificação destas duas *frentes* é fruto de uma primeira aproximação ao tema. Contudo, um dos objetivos da pesquisa em desenvolvimento é aprofundar a análise e confirmar se elas configuram-se como um padrão na construção da memória sobre Leonel Brizola.

¹⁶ Acentuando-se com a crise política do governo Rousseff. Especialmente a partir de dezembro de 2015, quando ocorreu o já mencionado encontro de lideranças partidárias no entorno da estátua de Brizola em Porto Alegre, foi possível identificar um padrão – ainda que superficial - de menções ao trabalhista referenciando-o como um defensor do Estado Democrático de Direito, combativo e audacioso, características essenciais para enfrentar a crise política.

Ao trabalharmos com a temática da memória é necessário sempre ter em mente a dicotomia lembrança/esquecimento. Em muitas situações o não lembrar é tão ou mais significativo do que a permanência da memória. Paul Ricoeur (2000) classifica como um movimento dialético que está sempre presente no se fazer e pensar a história. Esse movimento passa por um processo de seleção que pode sofrer alterações de acordo com o contexto e mudanças de interesses, coletivos ou individuais. Para além dessas questões nossa pesquisa incorpora outro fator relevante que influencia diretamente nas seleções e modificações da memória: o tempo presente. Lucilia Delgado aponta que:

Nas condições do tempo presente, onde testemunhas ainda vivem e conflitos políticos e sociais ainda apresentam ressonâncias, nitidez e força, é possível proceder, com ênfase especial, a uma ideologização da memória (Ricoeur, 2006). Nesses casos, as construções de narrativas são, usualmente, caracterizadas por adjetivações e seleções muito bem articuladas do dito e não dito (DELGADO, 2014, p. 69).

Desse modo, quando observamos as campanhas daqueles que retomam a figura de Brizola - para esse texto em específico o caso de Juliana - o lembrar e o esquecer apontam muito sobre qual tipo de memória ou imagem é propagada sobre o trabalhista, a qual pode sofrer alterações de acordo com os interesses do presente e dos “conflitos políticos e sociais”, como destaca Delgado.

A constante menção a imagem de Brizola na campanha de seus netos torna-se rentável não apenas por interesses ideológicos, mas também por aspectos trabalhados a partir do marketing político. Segundo Martins (2016, p. 16), a construção midiática nas campanhas eleitorais tem se apresentado como característica fundamental no campo político nacional, especialmente após a redemocratização: “os partidos se aliam pensando no aumento de tempo que poderão obter no horário eleitoral; contratam especialistas de campanha e encomendam sondagens de opinião pública”. Somado a essas estratégias, o candidato que tem a possibilidade de associar sua imagem a de um político já consagrado sai na frente na disputa permitindo-se até a possibilidade de apresentar-se enquanto candidato de forma mais superficial ou menos caricata, ou seja, sem ter a necessidade de construir uma imagem de si mesmo, muito complexa. Quer dizer que, a sua imagem de candidato já está dada a partir do momento que se vincula a outro nome.

Seguindo ainda nessa linha de argumentação do artifício de manter a imagem atrelada a de outro político de renome, os novos estudos de psicologia política – que analisam o comportamento eleitoral dos votantes – defendem que há um “voto por caráter”,¹⁷ que simplificada e pode ser entendido como um “voto por imagem” (MARTINS, 2016, p. 22).

Outro aspecto fundamental a ser considerado e que já foi mencionado rapidamente é a questão da herança política. Nesse sentido, utilizamos o trabalho de Igor Grill (2004), “As bases das heranças política no Rio Grande do Sul: parentesco, partidos e redes” para compreendermos melhor como se dão essas relações. Nesse artigo, o autor fundamenta-se nas três espécies de capitais políticos caracterizados por Pierre Bourdieu (1989), a saber, o capital pessoal de notoriedade, o capital delegado e o capital pessoal heroico. Há, portanto, nas palavras de Grill, as formas de delegação do capital político acumulado pela família, pelo partido ou pelo líder carismático:

O vínculo de parentesco atua tanto como uma fonte de crédito de notoriedade pessoal quanto como um processo de investidura da instituição familiar, assim como a seleção interna aos partidos promove a capitalização de uma “história política” simbolizada pelas etiquetas, mas simultaneamente dependente das redes de relações no partido, personalizadas pelas lideranças, e dos trunfos simbolizados pelos líderes carismáticos (GRILL, 2004, p. 160).

Para o nosso objeto, o capital político familiar é o mais significativo, pois os herdeiros do legado brizolista apresentam com mais frequência associação da imagem de Brizola do que outros quadros do PDT, mesmo quando já abandonaram o partido – haja vista a situação de Leonel Brizola Neto, atualmente no PSOL. Quanto à transmissão carismática, embora haja um esforço por parte dos herdeiros políticos, nem sempre é feita à plenitude. Especialmente tratando-se de Brizola, que tinha como uma das principais marcas, o carisma. Doravante, não basta apenas o uso do sobrenome tradicional, é preciso que o candidato a herdeiro comprove “a proximidade, a lealdade e os compromissos para com o ascendente com vistas a se apresentar como depositário do patrimônio político” (GRILL, 2004, p. 161).

Posto isso, seguimos agora para análise das campanhas eleitorais de Juliana Brizola. Embora aprofundaremos apenas esse caso ele segue na mesma linha dos outros netos tratados

¹⁷ O eleitor escolhe um candidato pelos seus atributos de personalidade – honestidade, inteligência, capacidade de liderança – o que não é outra coisa do que um voto por imagem (GARCÍA, 2007, p. 141 *apud* MARTINS, 2016, p. 22).

por nós como herdeiros políticos do pedetista, cito: Leonel Brizola Neto e Carlos Daudt Brizola. De forma geral em todos eles as representações sobre o avô seguem um padrão e os usos de sua imagem são constantes.

Juliana Brizola é filha de João Vicente Brizola e de Nereida Daudt. Nasceu em Porto Alegre em 03 de outubro de 1975. Passou os primeiros anos de vida no Uruguai devido o exílio de Brizola. Ao retornar ao Brasil, pós-anistia, instalou-se no Rio de Janeiro junto com a família. Seu avô materno¹⁸ também teve vida pública, todavia é o avô paterno a quem Juliana referencia em sua carreira e, em certa medida, deve sua projeção rápida e vitoriosa na política. Em sua primeira campanha eleitoral para a Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, em 2008, obteve a maior votação do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Podemos supor que a expressiva votação de Juliana deveu-se à utilização da imagem de Brizola considerando que a então candidata não apresentava uma vida pública ativa.

O peso do sobrenome e o sábio emprego da imagem, da simbologia e do mito criado em torno do assim chamado *último líder trabalhista*¹⁹ alçaram vitoriosamente Juliana Brizola na política. Onde se mantém até hoje já em seu segundo mandato como deputada estadual pelo Rio Grande do Sul e tendo concorrido à vice-prefeita de Porto Alegre, em 2016.²⁰

Juliana vale-se, além do modo de fazer política do avô, também de suas características pessoais, que obviamente estão interligados. A forma como Brizola levava sua vida, de modo simples e de conduta aparentemente íntegra, ganham projeção: "O maior legado que o meu avô me deixou foi o exemplo de vida. Ele sempre foi um incentivador dos estudos, dentro e

¹⁸ Coronel Alfredo Daut era oficial-aviador da FAB. Participou da Campanha da Legalidade (1961) ao lado daqueles que defendiam a posse de João Goulart.

¹⁹ "Leonel Brizola, o último líder trabalhista". Fonte: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 2004, p. A10. Ângela de Castro Gomes apresenta o brizolismo como um "terceiro tempo da tradição trabalhista" (2005, p. 37) e que com a morte de Brizola, em 2004, há de certa forma uma ruptura. Embora a autora não afirme categoricamente como o fim do trabalhismo.

²⁰ "Neta de Brizola é vice de candidato do PMDB em Porto Alegre". Fonte: O Globo, em 25/09/2016. Link: <https://oglobo.globo.com/brasil/neta-de-brizola-vice-de-candidato-do-pmdb-em-porto-alegre-20176847>.

fora da família".²¹ Essas observações advêm das análises de diversas entrevistas de Juliana à imprensa.²²

Posto isso, seguimos no exame da primeira campanha de Juliana quando concorreu à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, em 2008. Na ocasião a pedetista obteve bons resultados, sendo a mais votada do partido e a sexta melhor votação no pleito municipal geral.²³ Em seu material de campanha, a foto e o nome do avô eram comuns e acompanhavam o slogan: “Boa política tem nome: Leonel de Moura Brizola”. A candidata afirmava, em sua propaganda eleitoral na televisão, que era capaz de pôr em prática a boa política que o avô lhe ensinara.²⁴

Além do uso explícito do nome do avô, outros elementos nos dão suporte para uma sucinta análise iconográfica a partir de suas campanhas. Em 2008, Juliana vestia uma camisa vermelha e as cores predominantes no material de campanha eram o vermelho, azul e branco, as cores do PDT. Porém nas campanhas seguintes, em 2010 e 2014, a cor predominante foi o azul, desde o cenário até a camisa, repetindo uma tendência de Brizola que frequentemente apresenta-se usando azul.



Material de campanha televisivo. Candidata à vereadora em 2008. Fonte: You tube.

²¹ Juliana Brizola em entrevista ao Portal Terra em 02/10/2008. Link: <http://noticias.terra.com.br/eleicoes/2008/interna/0,,OI3228175-EI11868,00-Neta+do+Brizola+quer+dar+continuidade+a+luta+do+avo+no+RS.html>. Acesso em 04/09/2017.

²² Cito um exemplo: Portal Sul21, em 19/08/2016. Link: <http://www.sul21.com.br/jornal/vice-de-ultima-hora-juliana-brizola-leva-o-nome-da-familia-e-a-luta-pela-educacao-a-chapa-de-melo/>. Acesso em 11/09/2017.

²³ Fonte: “Neta de Brizola é eleita vereadora em Porto Alegre”. Portal G1, em 05/10/2008. Link: <http://g1.globo.com/Eleicoes2008/0,,MUL786657-15693,00-.NETA+DE+BRIZOLA+E+ELEITA+VEREADORA+EM+PORTO+ALEGRE.html>. Acesso em 11/09/2017.

²⁴ Fonte: vídeo da propaganda eleitoral, disponível no You Tube. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=W29tLesO8bU>. Acesso em 11/09/2017.

Outro detalhe importante é que em todas as campanhas seu número para votação sempre foi o “primeiro” da legenda, o 12001. É bastante representativo, pois aponta que as candidaturas de Juliana nas três eleições foram o carro chefe do partido, demonstrando ainda a força do sobrenome Brizola no PDT sul-riograndense. Bem como a aposta em Juliana como sua herdeira política. Vieira da Cunha, nome importante do partido no estado se apresentava como brizolista, como já mencionado, porém a ligação de parentesco entre Juliana e Brizola a tornava mais legítima aos olhos do eleitorado como herdeira dos ideais brizolistas.

Já em 2010, Juliana buscou dar um passo além na sua carreira política.²⁵ Ainda com mandato vigente como vereadora concorreu à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Novamente elegeu-se com expressiva votação e a presença forte da imagem de seu avô. A palavra-chave da campanha foi ética e seu slogan era: “Resgatar a forma de fazer política do meu avô”. Ao fundo, tanto na propaganda da televisão quanto impressa, era estampada a foto de Leonel Brizola mais jovem e sorrindo.

Há um elemento novo nessa campanha e que persiste em sua carreira política: Juliana incorporou a pauta da educação. Essa que sempre foi uma bandeira do avô e provavelmente é uma das mais lembradas em relação a ele. Suas conquistas nessa área são recorrentemente retomadas, seja a construção das “brizoletas” no interior do Rio Grande no Sul ou dos CIEPS no Rio de Janeiro. Em entrevista, Juliana reafirmou que sua principal causa é a da educação, porque foi a causa da vida do avô.²⁶



²⁵ Infelizmente ainda não conseguimos apurar para esse artigo se foi uma decisão pessoal dela concorrer à deputada estadual ou uma decisão do partido.

²⁶ Entrevista ao Portal Sul 21 em 19/08/2016. Link: <http://www.sul21.com.br/jornal/vice-de-ultima-hora-juliana-brizola-leva-o-nome-da-familia-e-a-luta-pela-educacao-a-chapa-de-melo/>. Acesso em 21/08/2016.

Adesivo da campanha para deputada estadual em 2010. Fonte: PDT/RS.

Em sua campanha para reeleição como deputada estadual houve o uso mais contundente da imagem de Leonel Brizola: foram distribuídas pela cidade de Porto Alegre fotos suas de corpo inteiro e de tamanho natural, passando a impressão de uma espécie de cabo eleitoral em campanha pela neta. Novamente a pauta foi a educação, com foco na educação de tempo integral. Todavia, tal estratégia não foi suficiente, pois Juliana não se elegeu, ficando somente na suplência. Somente devido a nomeações para o secretariado do Executivo, a pedetista conseguiu assumir uma cadeira na Assembleia, onde vem apresentando um mandato ativo com firme oposição ao governo estadual. Na Casa, a deputada inspira-se em Brizola, tradicional defensor das estatizações, especialmente ao posicionar-se em relação a pautas referentes à privatização de empresas públicas.²⁷ Em suma, segue retomando a imagem, o nome e os ideais de seu avô.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas campanhas citadas percebe-se a apropriação da simbologia do brizolismo. Como destaca João Trajano Sento-Sé (2002, p. 86) o discurso brizolista é constituído por uma rede de símbolos e imagens articulada na arena pública e é justamente essa rede que é utilizada para fins eleitorais. Para o autor a adesão ao brizolismo, dos não familiares, não significa apenas uma adesão a um líder carismático, mas sim a associação a um conjunto de valores, a práticas retóricas e políticas do discurso brizolista.

Cabe ainda um breve apontamento sobre a presença do brizolismo na política brasileira que nos suscita a novas observações. João Trajano Sento-Sé ao final do artigo *O discurso brizolista e a cultura política carioca*, escrito em 2002, acreditava no possível fim brizolismo como fenômeno político (p. 103) diante das consecutivas derrotas eleitorais de Brizola e seus aliados. Especialmente no cenário político fluminense analisado pelo autor. Todavia, acreditamos que após sua morte, Brizola ganhou novo significado no imaginário nacional e em certa medida gerou-se um *mito* em torno de seu nome e sua história. Ademais,

²⁷ “Trabalhismo de Brizola é evocado em audiência contra privatizações de CRM, Sulgás e CEEE”. Fonte: Portal Sul21, em 13 de dezembro de 2016. Link: <http://www.sul21.com.br/jornal/trabalhismo-de-brizola-e-evocado-em-audiencia-contras-privatizacoes-de-crm-sulgas-e-ceee/>

o esforço em manter seu legado vivo através de seus herdeiros e a crise institucional com o impeachment de Dilma Rousseff favoreceram a retomada da imagem e da memória de Leonel Brizola. Julgamos, assim, que o brizolismo segue presente, não com a mesma força de outrora, mas ainda capaz de representar ideais e angariar votos no cenário político brasileiro.

Por fim, reforçamos que este artigo trata-se de um recorte da nossa pesquisa de doutorado que está em sua fase inicial. Assim, apresentamos apenas primeiras impressões sobre nosso objeto que poderão sofrer alterações com a inclusão das outras fontes previstas.

Fontes

* Campanha eleitoral de Juliana Brizola: vereadora Porto Alegre (2008); deputada estadual Rio Grande do Sul (2010,2014).

Referências Bibliográficas

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

SENTO-SÉ, João Trajano. **Brizolismo**: estetização da política e carisma. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Jango: cinema, história, memória e reconhecimento – interseções. In: DELGADO, Lucilia; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FREIRE, Américo. O fio da História: Leonel Brizola e a renovação da tradição trabalhista no Brasil contemporâneo (1980-1990). In: FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge (Orgs.). **A razão indignada**: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima (Orgs.). **Culturas Políticas**. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

MACEDO, Michele Reis de. As esquerdas revolucionárias, Leonel Brizola e a refundação do trabalhismo. In: FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge (Orgs.). **A razão indignada**: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Mito e museu: reflexões preliminares. FÉLIX, Loiva; ELMIR, Claudio (Org.). **Mitos e heróis**: a construção de imaginários. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

SENTO-SÉ, João Trajano. A era do líder popular. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **A força do povo**: Brizola e o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Alerj, CPDOC/FGV, 2008.

TORQUATO, Gaudêncio. Prefácio. In: QUEIROZ, Adolpho (Org.). **Na arena do marketing político**: a ideologia e propaganda nas campanhas presidenciais brasileiras. São Paulo: Summus, 2006.

GOMES, Ângela de Castro. Brizola e o trabalhismo. In: **Revista Anos 90**, v. 11, n. 19/20. Porto Alegre, 2004.

GRILL, Igor Gastal. As bases das heranças políticas no Rio Grande do Sul: parentesco, partidos e redes. In: **Sociedade em debate**. Pelotas, v. 10 (2), p. 159-197, 2004.

_____. Bases sociais e interpretes da “tradição trabalhista” no Rio Grande do Sul. In: Dados, **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 525-557, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989.

ROUSSO, Henry. Para una historia de la memoria colectiva: el post-Vichy. In: **Aletheia**. Buenos Aires, v. 3, n. 5, 2012.

SENTO-SÉ, João Trajano. As várias cores do socialismo moreno. In: **Revista Anos 90**. Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, 2004.

TRINDADE, Héglio. O brizolismo e o seu legado. In: **Teoria e Debate**, n. 59, agosto, 2004.

MACEDO, Michele Reis de. **Recusa do passado, disputa no presente**: esquerdas revolucionárias e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira (décadas de 1970 e 1980). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

MARTINS, Joyce Miranda Leão. **PT e PSDB na democracia de público brasileira**: estratégias partidárias vitoriosas no novo jogo eleitoral. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

NUNES, Bruna. **Imagens, mitos políticos e os candidatos herdeiros de votos**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.